

CULTURA POLÍTICA MENTALIDADES



INSTITUTO DE HISTÓRIA E TEORIA DAS IDEIAS
FACULDADE DE LETRAS

COIMBRA 1989

«DARWIN NO SEU TEMPO E AGORA»

*Exposição no Museu do Instituto Botânico
da Universidade de Coimbra*

(16 de Maio a 28 de Julho de 1989)

Quando a vinda a Coimbra do Prof. Doutor António Lima-de-Faria estava confirmada, o Prof. Doutor João Montezuma de Carvalho resolveu programar uma exposição no Museu Botânico sobre Darwin, darwinismo e neodarwinismo, bem como sobre os reflexos da revolução darwiniana na cultura científica e literária, em Portugal. A oportunidade desta iniciativa mereceu, a breve trecho, o apoio activo dos Profs. Doutores Luís Reis Torgal (Instituto de História e Teoria das Ideias), Aníbal de Castro (Biblioteca Geral da Universidade), Arsélio Pato de Carvalho (Zoologia), Martin Portugal (Mineralogia e Geologia) e Manuel Rodrigues de Areia (Antropologia). Igualmente se interessaram por este projecto de exposição as Dr.^{as} Ana Leonor Dwarkasing e Maria do Rosário Azenha da Faculdade de Letras: os Drs. Jorge Paiva, Paulo Gama, Joaquim Vicente, Manuel Tomé, Joaquim Tomás Pereira e as Dr.^{as} Teresa Leitão, Celestina Carvalho, Cristina Tavares dos Santos, Helena de Freitas, Teresa Gonçalves, Maria Augusta Rocha e Avelina Portugal da Faculdade de Ciências e Tecnologia. Foi o contributo efectivo destes professores e investigadores que possibilitou, ao Prof. Doutor João Montezuma de Carvalho, concretizar algumas partes da secção dos painéis, conforme ficou registado no Catálogo.

A nosso ver, a preocupação pedagógica que norteou a organização expositiva dos materiais foi contemplada inteiramente. É pena que o Catálogo não permita confirmar a nossa afirmação. Na verdade, não houve meios para se ir além de um Catálogo bibliográfico e de facto, não se tratou apenas de uma exposição bibliográfica. Algumas secções foram apenas denominadas, quando bem mereciam ter sido descritas, ilustradas e inter-relacionadas, exactamente de acordo com a ordem expositiva. A secção dos painéis foi, sem dúvida, a mais sacrificada no Catálogo. No entanto, o Prof. Doutor Montezuma de Carvalho tomou as medidas necessárias para se poder editar uma memória completa da exposição.

Acresce dizer que os materiais expostos pertencem à Universidade de Coimbra (aos Museus e Bibliotecas dos Institutos de Zoologia, Mineralogia e Geologia, Botânico, Antropologia; à Faculdade de Letras e à Biblioteca Geral da Uni-

versidade), exceptuando um conjunto de trinta livros fundamentais provenientes da biblioteca particular do Prof. Doutor Montezuma de Carvalho. Embora tivéssemos entrado em contacto com outras instituições, designadamente a Biblioteca Nacional e o British Museum (National History), por razões várias limitámo-nos aos espólios da Universidade de Coimbra. Não se tratou, portanto, de uma exposição acabada, sobretudo ao nível bibliográfico. Mas, o importante, em termos pedagógicos e científicos é que ela proporcionou uma visão disciplinada do evolucionismo darwinista e pós-darwinista em quase todas as áreas do saber que foram marcadas por esta Revolução Científica, só comparável, em grandeza, à revolução Copernicana.

Por outro lado, a secção intitulada «Impacte do darwinismo em Portugal» mostrava que, desde meados da década de sessenta do século XIX, houve, entre nós, alguma projecção da revolução darwiniana quer no domínio das ciências exactas, quer nas próprias ciências humanas então nascentes, quer ainda nas disciplinas literárias e nos estudos jurídicos. Dir-se-ia mesmo que, certas obras expostas nesta secção, podiam, com plena justiça, figurar ao lado das grandes obras de divulgação do darwinismo, consagradas internacionalmente. Por exemplo: *Homo. Os modernos estudos sobre a origem do homem*, 1921 de A. A. Mendes Correia. O que se pretende dizer é que não há razões documentais para se considerar que a cultura científica, literária e política em Portugal permaneceu alheia à dinâmica teórica do darwinismo. Leiam-se as teses de doutoramento dos Profs. Doutores Fernando Catroga e Amadeu Carvalho Homem, respectivamente: *A militância laica e a descristianização da morte em Portugal 1865-1911* (Coimbra, Ed. do Autor, 1988. 2 vols.) e *A ideia republicana em Portugal: o contributo de Teófilo Braga* (Coimbra, Livraria Minerva, 1989) e veja-se como, na verdade, o darwinismo ocupa uma posição-chave na mundividência laica dum Teófilo Braga ou dum Miguel Bombarda, entre outros. A partir dos resultados estabelecidos pelos Profs. Doutores Amadeu Carvalho Homem e Fernando Catroga não restam dúvidas de que o evolucionismo darwinista funcionou como corpo teórico estruturante do renovamento cultural cientista que se processou em Portugal durante os quarenta anos que prepararam a revolução republicana de 1910. E se acrescentarmos a esses quarenta anos o esforço de hegemonização da mundividência laica na sociedade portuguesa que a 1.^a República desenvolveu, é impossível sustentar a marginalidade do quadro geral do saber em Portugal relativamente ao darwinismo. Mesmo

aprioristicamente seria um contra-senso pensar que a presença e a circulação dos princípios darwinianos na cultura portuguesa, não são significantes. É que, não se pode negar a *projeção universal da obra de Darwin*. Mas, no caso português há mesmo disciplinas científicas cujos alicerces são inequivocamente de inspiração darwinista. A psiquiatria é uma delas e curiosamente, tanto quanto nos é dado perceber, as virtudes hermenêuticas, ou se se preferir, explicativas do darwinismo não foram rejeitadas por esta ciência, até hoje.

Não estamos a querer dizer que a cultura portuguesa (científica, literária e política) tenha sido colonizada pela racionalidade darwinista ao ponto de alienar o seu modo próprio de ser. Também está fora da nossa intenção hermenêutica reduzir a trajetória da penetração do evolucionismo darwinista na cultura portuguesa a um processo linear e cumulativo, directo e explícito, despersonalizado e imitante de modelos estrangeiros, em particular o francês e o inglês. Neste sentido consideramos ainda que não é legítimo omitir os conflitos de inteligibilidade e a divergência de interesses epistemológicos que se desencadearam em Portugal, envolvendo o darwinismo. Essa dinâmica conflitual sobredeterminou o modo de instalação da revolução darwinista nos meios científicos universitários e outros. De resto, a vasta historiografia darwinista que tem sido dada à estampa, sobretudo a partir de 1982 testemunha claramente a *não linearidade* do processo epistemológico de darwinização interna do saber nos últimos cem anos, no Ocidente.

A história das ideias, a partir duma pesquisa cuidada, pode substancializar a penetração desta matriz epistemológica e mundividencial no quadro dos saberes em Portugal. É neste sentido que trabalhamos desde o momento em que o Prof. Doutor Fernando Catroga teve a amabilidade de nos sugerir este tema para a dissertação de doutoramento. Na verdade, desde então, temos vindo a compreender a importância, a oportunidade e até a urgência deste estudo em Portugal. E, à medida que avançamos, maior se torna a nossa dívida e menos palavras encontramos para expressar plenamente os nossos agradecimentos ao Prof. Doutor Fernando Catroga.

A nossa colaboração na exposição não foi desinteressada. Por isso, temos razões adicionais para agradecer, aqui, a todos os colegas da Faculdade de Ciências e Tecnologia que conosco partilharam muitas horas de trabalho e de diálogo interdisciplinar. Os nossos agradecimentos vão também para o Dr. Joaquim Tomaz Pereira e para a Dr.^a Maria do Rosário

Azenha pela perfeição do trabalho que desenvolveram quer na montagem da Exposição, quer na feitura do Catálogo. Fazemos nossas as palavras de agradecimento que o Prof. Doutor João Montezuma de Carvalho dirigiu, oportunamente, aos Profs. Doutores Reis Torgal, Aníbal de Castro, Manuel Rodrigues de Areia, Martin Portugal e Arsélio Pato de Carvalho. Em especial dirigimos a nossa sentida gratidão ao Prof. Doutor Amadeu Carvalho Homem por todo o apoio que nos concedeu, facilitando sobremaneira o nosso trabalho tanto a nível científico como pedagógico.

Ao Prof. Doutor João Montezuma de Carvalho, pela oportunidade que nos deu de contactar de perto com o mundo das ciências naturais; por todos os esclarecimentos científicos e apoio bibliográfico que nos dispensou; por tudo o que nos foi dado aprender sobre Darwin, darwinismo, neo-darwinismo e autoevolucionismo; por nos ter proporcionado colaborar na Exposição e respectivo Catálogo, os nossos melhores agradecimentos.

Ao nosso orientador, Prof. Doutor Manuel Augusto Rodrigues, endereçamos, uma vez mais, o nosso grande apreço pela sua probidade científica exemplar e os nossos agradecimentos pelo ânimo que nos tem transmitido sempre com grande serenidade e soberano espírito de tolerância.

A. L. Pereira Dwarkasing

OS CONGRESSOS «A HISTÓRIA DA HISTORIOGRAFIA SOBRE A REVOLUÇÃO FRANCESA» E A ASSOCIAÇÃO DOS HISTORIADORES EUROPEUS

Neste ano do bicentenário da Revolução Francesa, e nos anteriores, realizaram-se, sem exagero, centenas de colóquios relativos à sua temática nos mais diversos locais do mundo. Normalmente — pelo menos aqueles que tiveram objectivos de produção científica original — focaram aspectos particulares da ampla e complexa temática que a Revolução directa e indirectamente supõe.

Assim sucedeu com o congresso «A história da historiografia sobre a Revolução Francesa», que se realizou em Pisa-Forte dei Marmi-Luca, de 18 a 25 de Maio, organizado pela Associação dos Historiadores Europeus, com sede em Roma, e que teve como patrono o Presidente da República de Itália. Apesar de algumas ausências de última hora — o que sucede em todos os acontecimentos deste género — foram